

## **Agroecologia e arte no vídeo popular: reflexões sobre uma experiência da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Piauí “Cenas Camponesas”**

*Agroecology and art in popular video: reflections on an experience of the PI's School of Political Theater and Popular Video “Cenas Camponesas”*

Eduardo Justino Santana<sup>1</sup>; Kelci Anne Pereira<sup>2</sup>; Valcilene Rodrigues da Silva<sup>3</sup>; Millena Ayla da Mata Dias<sup>4</sup>; Ozaias Antônio Batista<sup>5</sup>

<sup>1, 2, 3</sup> Universidade Federal do Piauí; <sup>4</sup>Universidade de Brasília; <sup>5</sup>Universidade Federal Rural do Semiárido

### **Resumo**

O texto aborda a experiência com vídeo popular na Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Piauí “Cenas Camponesas”, vinculado ao Núcleo de Agroecologia e Artes do Vale do Gurguéia (NAGU) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Abordamos, especificamente, os vínculos entre a práxis audiovisual e agroecológica neste contexto, explicitando como a construção de vídeo documentários pode tornar-se um elemento fundamental da construção agroecológica e, conseqüentemente, da defesa dos territórios camponeses ameaçados pelo agronegócio, tanto metodológica quanto epistemologicamente. A arte documental do vídeo popular é problematizada como elemento da pedagogia agroecológica, na medida em que promove a capacidade de metaforização da vida; a consciência, a análise e o registro crítico da realidade. Também evidenciamos que a produção do vídeo popular propicia processos de informação, formação e organização das comunidades para que o direito à voz seja garantido aos camponeses. Por sua vez, a estética agroecológica e o diálogo de saberes são revelados como elementos da narrativa audiovisual, enquanto resistência artística no âmbito da guerra de narrativas.

**Palavras-chave:** disputa de narrativas, vídeo popular, arte política.

### **Abstract**

The text discusses the experience with popular video in the project and school of political theater and popular video in Piauí “Cenas Camponesas”, linked to the Núcleo de Agroecologia e Artes do Vale do Gurguéia (NAGU) of the Federal University of Piauí (UFPI). We specifically address the links between audiovisual and agroecological praxis in this context, explaining how the construction of video documentaries can become a fundamental element of agroecological construction and, consequently, of the defense of peasant territories threatened by agribusiness, both methodologically and epistemologically. Popular video documentary art is problematized as an element of agroecological pedagogy, insofar as it promotes the ability to metaphorize life; awareness, analysis and critical recording of reality. We also show that the production of the popular video provides processes of information, formation and organization of the communities so that the right to voice is guaranteed to the peasants. In turn, agroecological aesthetics and the dialogue of knowledge are revealed as elements of the audiovisual narrative, as artistic resistance in the context of the war of narratives.

**Keywords:** narrative dispute, popular video, political art.

### **Introdução**

A agroecologia é uma ciência, um movimento e uma prática (WEZEL et al., 2009; SILVA, 2021) assentada em princípios interdisciplinares. Ela dá nome a um conjunto de fenômenos de produção material e simbólica da vida, que têm os camponeses como

protagonistas e que valoriza os processos de coevolução entre as sociedades e a natureza, responsáveis pela ampliação da socioagrobiodiversidade. Nesse sentido, o fazer agroecológico vai muito além da agricultura e se amplia para o âmbito das artes e de outras dimensões do bem-viver.

Partimos dessa complexidade para refletir sobre os processos educativos que são construídos a partir do Núcleo de Agroecologia e Artes do Vale do Gurguéia (NAGU), um núcleo de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com enfoque interdisciplinar. Especificamente, abordaremos um de seus projetos: o Cenas Camponesas, que se constitui como um coletivo e uma escola de teatro político e vídeo popular e que atua em rede com projetos da Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA/ Rio Grande do Norte).

A Escola de Teatro Político e Vídeo Popular: Cenas Camponesas, é um projeto de extensão que tem como objetivo socializar os meios de produção teatrais e audiovisuais junto aos povos e comunidades rurais do Piauí, visando fortalecer a expressão artístico-política e organizativa desses sujeitos, sobretudo no que diz respeito ao tema agroecologia. Partimos da concepção da arte como um direito humano, constitutivo da experiência de educação popular dos/com os povos do campo e indispensável à defesa de seus territórios e modos de vida; e, neste contexto defendemos a arte como possibilidade de formação em agroecologia e estratégia de soberania dos povos do campo. A escola nasce dos acúmulos do projeto de extensão Cenas Camponesas, realizado desde 2017 na Universidade Federal do Piauí, do diálogo e parceria constituídos no interior deste projeto com povos quilombolas, indígenas e camponeses do PI.

Neste contexto, abordaremos a construção audiovisual de documentários sobre a realidade camponesa da Chapada das Mangabeiras ou, conforme denominada pelas comunidades rurais, a Chapada das Nascentes, situada na região sul do Piauí, afetada pela expansão do agronegócio. Abordaremos, ainda, exemplos de outras regiões em que o trabalho com vídeos por parceiros tem se produzido no âmbito da escola Cenas Camponesas.

Acreditamos que essa experiência educativa, construída no âmbito da extensão participativa, orientada à produção de vídeos populares documentais como arte política, vem possibilitando reflexões importantes sobre a construção da pedagogia e do saber agroecológicos no território, além de contribuir com as lutas de organizações e movimentos sociais populares do campo que atuam na região.

Sustentamos essa perspectiva a partir do enfoque epistemológico e metodológico do trabalho com vídeo popular, que destacamos a seguir, evidenciando seus vínculos com os princípios da agroecologia.

## **O vídeo popular na construção da pedagogia e do saber agroecológico: o papel da arte nos territórios em disputa da Chapada das Nascentes.**

Para tratar do papel do vídeo popular na construção da pedagogia e do saber agroecológico, partimos de dois pressupostos: não é possível tratar da agroecologia como um fenômeno estritamente produtivo. Agroecologia é uma práxis política que envolve, sobretudo na formação social brasileira colonial, classista, racista e sexista, disputa de territórios, no âmbito da luta de classes. Camponeses e burgueses - incluindo suas organizações em escalas locais, nacionais e globais -, têm para a terra projetos e interesses antagônicos, que contrapõem e interpenetram, disputando o mesmo território. O projeto camponês, sustentado no trabalho como elemento de coevolução com a natureza, tem como propósito a reprodução ampliada da vida. Ele se baseia em princípios ecológicos de relação com a terra, a água e as florestas e na autonomia dos agroecossistemas camponeses, a partir do aproveitamento de energias e saberes dos subsistemas naturais e sociais. Entre seus resultados, está a autonomia socioeconômica e cultural dos povos do campo e a democratização do alimento ao povo da cidade, com aumento da auto-organização em torno do direito à alimentação e a natureza. A distribuição de riquezas permeia a lógica do projeto agroecológico camponês e amplia os serviços (ou presentes, “regalos”) ecossistêmicos fundamentais à manutenção da vida (GOHUR; TONÁ, 2012).

As paisagens agroecológicas mostram que a Agroecologia é mais que objetividade e ultrapassa o aspecto produtivo, que alimenta o corpo. As paisagens agroecológicas são “regalos” que guardam um princípio fundamental: a necessidade de nos conectarmos com o belo. Assim, a prática camponesa, em sua maioria, tem a estética como uma linguagem da cultura agroecológica que passa a nutrir a alma (SILVA, 2021).

O projeto burguês, sustentado na exploração e expropriação (do trabalho e da natureza), tem como propósito a reprodução ampliada da mercadoria, sobre os territórios camponeses e, inclusive, buscando submeter o campesinato à lógica da agricultura industrial, intensamente mecanizada, quimificada - com intenso uso de agrotóxicos, sementes transgênicas, fertilizantes -, e degradante dos mananciais. Como resultado desse processo, que inclui também especulação imobiliária, financeirização da terra e da agricultura, temos a concentração de riqueza, a degeneração do direito à saúde e à alimentação das camadas populares rurais e urbanas, entre outros impactos conhecidos como o êxodo rural, o desmatamento, a desertificação, o trabalho análogo à escravidão e o fechamento de escolas (CPT, 2023), que sintetizamos como perda do patrimônio da socioagrobiodiversidade.

A natureza oposta dessas perspectivas acima esclarecidas, e todos os impactos que a elas se vinculam, gera um resultado indissolúvel: o conflito entre ambos, envolvendo, cada vez mais, mortes de camponeses (CPT, 2023). Contudo, a perspectiva da construção da hegemonia burguesa passa pelo apagamento da lógica necrófila inerente à reprodução do capital no campo, aqui reconhecido como agronegócio. E neste ponto é que historicamente a indústria cultural tem se tornado peça chave para o agronegócio. No caso brasileiro, essa aliança de capitais industriais, da agricultura e da cultura, se consagrou com a revolução verde, a partir dos anos 1950 e 1960 e, a partir de então, tem se ampliado (BASTOS, 2015). Nesse contexto, os recursos estéticos são mobilizados para a construção de narrativas burguesas sobre o mundo rural, destituído de contradições e para o convencimento da sociedade de que o campo só pode ser eficiente e eficaz para o chamado desenvolvimento transformado numa plataforma de negócios. Tais narrativas estão presentes na forma de notícias e propagandas, ou seja, veiculadas como verdade, - o maior exemplo é a campanha de TV, Rádio e internet “Agro é Pop” - e dissolvidas nas entrelinhas do entretenimento, em músicas e filmes.

De um lado, imagens e sons se combinam para difundir um ideário em que o camponês desaparece, seja como guardião da socioagrobiodiversidade, seja como vítima do agronegócio e de seu ecocídio e epistemicídio (PORTO-GONÇALVES, 2019) - quando se destrói os meios de vida de um povo - a natureza - este povo e seu saber se extinguem. De outro lado, imagens e sons também se orquestram apelativamente para mostrar o campesinato como criminoso, quando este se manifesta como classe organizada em luta contra a barbárie produzida pelo avanço da capital no campo, formando movimentos sociais legítimos e geradores de um patrimônio socioeducativo democrático e ambientalmente orientado. O jogo ou a carpintaria da cena são construídos para que o conjunto da sociedade, incluindo o próprio campesinato, entenda o projeto do agronegócio como se fosse a melhor e única opção para o campo e o defenda como se ele fosse de interesse de todos ou da nação.

Diante disso, para figurar na cena política, contrapondo-se a essa deslegitimação vil, os movimentos sociais camponeses também se posicionam na trincheira cultural e, valendo-se dos saberes estéticos, contam outras histórias por meio dos recursos imagéticos e sonoros. São conteúdos e estéticas configurados em produtos de comunicação que, para além da forma-conteúdo, também contrariam a lógica hierárquica e mercantil da indústria cultural em seu modo de produção. Movimentos como a Via Campesina e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) têm se organizado com brigadas audiovisuais cujos membros são os próprios camponeses a narrarem a realidade social rural, trazendo o enfoque da historicidade, da contradição e do direito para o centro da cena. Nesse contexto, a ideia do documentário tem

se tornado fundamental para registrar um povo que luta para viver na/com a terra, produzindo alimento, cultura e saber para o conjunto dos trabalhadores. Quem fala nessas produções não é o indivíduo - o clássico narrador burguês. O enfoque narrativo é coletivo; a voz que clama por justiça é de tempos imemoriais; o horizonte almejado está em ameaça. Um bom exemplo disso é o programa da Brigada de Audiovisual da Via Campesina, que documenta o 5º Congresso do MST e é analisado por Gomes et al. (2015). As brigadas desenvolvem um trabalho importante de educação estética e comunicativa de seus membros em perspectiva popular.

Inspirados nessas perspectivas é que situamos o trabalho com audiovisual no âmbito da Escola Cenas Camponesas para tratar da construção conflitiva da agroecologia no sul do PI, atingido pelo agronegócio no contexto do projeto MATOPIBA.

O objetivo da escola é socializar os meios de produção audiovisual com os grupos de camponeses organizados no territórios e estimulá-los a documentar a práxis camponesa agroecológica de seus territórios, gerando documentos e memória dos povos guardiões da socioagrobiodiversidade do cerrado (bioma da Chapada das Mangabeiras), inclusive evidenciando os conflitos com o agronegócio, além de utilizar o audiovisual como oportunidade para reflexão e formação política e agroecológica do campesinato local.

A construção do curso “vídeo popular camponês”, oferecido pela escola em 2021, é um exemplo de como alcançamos esse objetivo. O curso teve como objetivo socializar os meios de produção audiovisuais com povos e comunidades do campo do PI e promover junto a eles espaços de multiplicação, divulgação e reflexão sobre as obras produzidas no curso, na perspectiva do fortalecimento do território, pela convergência entre arte e agroecologia.

A partir de uma perspectiva de tripla alfabetização: a política, a estética e a ecologia, o curso foi organizado metodologicamente em alternância pedagógica, intercalando tempos-espacos formativos denominados “escola” (TE) e “comunidade” (TC). No tempo escola, por meio de encontros remotos, ocorreram as aulas sobre fundamentos e técnicas do vídeo popular e no tempo comunidade os cursistas se dedicavam a assistir documentários recomendados, analisando-os coletivamente a partir de questionários didáticos, e a produzir, gradualmente e em grupo, seus próprios documentários. O resultado dos estudos e produções do TC gerava acúmulos para ao TE e vice-versa.

O público do curso foi constituído por 60 pessoas, entre elas lideranças populares camponesas e indígenas, jovens ativistas da Comissão Pastoral da Terra, estudantes da licenciatura em Educação do Campo e membros da Associação Quilombola Brejão dos Aipins.

A formação organizou-se em três módulos, que podem ser conferidos no site (<https://sites.google.com/view/escolacenascamponesas/curso?authuser=0>):

(i) a questão agrária e o audiovisual: cultura, arte e luta de classes; hegemonia e contra hegemonia e a questão agrária brasileira; direito à arte: narrativa, experiência e memória; os povos do campo (camponeses, indígenas e quilombolas) e as culturas populares; expressividades indígenas e quilombolas a partir das cosmovisões e poéticas com a natureza.

(ii) O vídeo-documentário político-popular: do imaginário às práticas de produção. Onde tivemos as discussões sobre o gênero documentário; o documentário popular camponês: legado, roteiro, decupagem, filmagem; a ética popular no audiovisual; edição com celular.

(iii) Mostra de documentários: multiplicação e processos de educação e organização popular. Neste módulo tivemos como base de estudos o processo de multiplicação audiovisual e a educação popular (a tripla alfabetização); organização popular - informar, formar e organizar; experiências de coletivos audiovisuais; a mediação na criação audiovisual em modalidade remota; Mostra Virtual Popular de documentário camponês.

Nestes módulos, defendemos que a construção da agroecologia passa pelo estudo, análise e registro da contradição social do campo-cidade em audiovisual, no contexto da disputa de narrativas tensionada pelo projeto burguês de sociedade. Defendemos ainda que o conteúdo contra hegemônico da agroecologia deve ser narrado de uma forma contra hegemônica no vídeo, seguindo princípios metodológicos e estéticos populares, bem como abrindo espaço para as vozes organizações camponesas. Entre tais princípios, destacamos: mulheres e homens como narradores de suas próprias vidas; o produto do trabalho material e cultural em cena (trazendo-se os sons e cores do labor diário, suas nuances em imagens); a didatização de informações centrais na narrativa para todo tipo de público, seja pela inserção de pequenos textos, pelo uso de entrevistas ou de narrações; a historicização dos processos contados; a explicitação de que o que se narra é um trabalho de camponeses; a apresentação do material em processo de montagem para as comunidades envolvidas nos casos narrados; a natureza como protagonista estética; o tempo para o deleite do olhar e para a reflexão; estratégias para o estranhamento do olhar se formarem; estratégias para que o receptor possa vislumbrar as possibilidades de mudança de situação limite; uso de recursos para e metaforizar a vida; o uso dos recursos tecnológicos mais básicos com o melhor aproveitamento (celulares).

Durante todo o processo do curso, problematizamos a desconstrução do olhar condicionado pelo amplo consumo dos produtos da indústria cultural pelos cursistas. O diálogo de saberes entre a turma e os formadores parceiros foi fundamental nessa desconstrução e na educação de um olhar em perspectiva estética popular. Tal olhar resultou em documentários sobre temas agroecológicos - incluindo a crítica ao agronegócio - junto às próprias comunidades dos cursistas. Citamos como exemplo os documentários “Chapéu, perneira e gibão”, que tece

uma ode e evidencia as ameaças ao modo de vida e trabalho dos vaqueiros nas chapadas piauienses; e o documentário “O esperto que pega terra”, que denuncia as formas contemporâneas de grilagem de terras praticadas no sul do Piauí.

Ao final do curso, coube aos formandos a organização de mostras comunitárias audiovisuais, bem como de oficinas de produção de vídeos. A ideia das mostras era fomentar um espaço de debates sobre os documentários e estimular a cultura audiovisual localmente. Os documentários foram, ainda, mais amplamente divulgados nas frentes de luta dos cursistas e de suas entidades, pastorais e movimentos de origem, buscando estimular que outros segmentos do campesinato local tomassem partido na trincheira cultural.

Como legado do curso, para além dos três vídeo documentários produzidos (ver página do Cenas Camponesas e NAGU no YouTube), nas avaliações do curso identificamos o uso do vídeo popular na construção de metodologias de pesquisa participante com as quebradeiras de coco babaçu e para sistematização e reflexão sobre experiências agroecológicas com mulheres e quintais produtivos.

### **Considerações finais**

A experiência analisada revela a necessidade de estabelecer conexões entre a educação em agroecologia e uma educação estética, ambas fundamentadas na compreensão política da luta de classes. É importante reconhecer as contradições e limitações da formação da classe trabalhadora como narradora de sua própria realidade. Isso requer um descondicionamento do olhar em relação à estética burguesa e uma ampliação das percepções dos camponeses como produtores e espectadores do vídeo popular. Nesse contexto, o vídeo é considerado um método de educação popular e pode desempenhar um papel mediador nos processos formativos agroecológicos e estéticos. Durante as exibições, é essencial que haja debates que explorem a relação entre forma, conteúdo e o modo de produção da construção artística audiovisual, indo além da mera discussão do conteúdo.

Além disso, o uso da natureza e do trabalho como forças estéticas se apresentaram como uma parte fundamental tanto na construção das denúncias quanto dos anúncios dos documentários, tocando diretamente os sentidos das pessoas e trazendo a atmosfera das contradições e das lutas dos camponeses, com suas belezas e agruras para o centro da cena.

Nas pedagogias experimentadas, limites tecnológicos enfrentados pelos camponeses participantes do curso se mostraram barreiras importantes, indicando que qualquer política de educação agroecológica posicionada no âmbito cultural do vídeo popular precisa dedicar-se a

favorecer a conectividade com internet e o treinamento tecnológico aos beneficiários, muito embora o essencial da formação tenha sido, de fato, a construção do senso de pertencimento dos camponeses à classe de artista do audiovisual. Querer narrar, para defesa dos territórios camponeses agroecológicos, vem junto com o aprender a narrar e com o compartilhar com as comunidades sobre as quais e com as quais se narra.

Por fim, salientamos que as narrativas audiovisuais são inventários dos saberes camponeses, das estéticas de suas paisagens a serem valorizadas pelo movimento e ciência agroecológica, como força epistemológica e metodológica.

## Referências

BASTOS, M.D. Colonização do inconsciente, colonização da natureza: elementos para uma crítica da articulação entre comunicação rural, revolução verde e indústria cultural. In: BASTOS, M.D.; GONÇALVES, F.C. **Comunicação e disputa pela hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico**. Residência Agrária da UnB, Caderno 3. São Paulo: Outras expressões, 2015. p. 85-106.

GOMES, T.; GONÇALVES, F.C.; STEDILLE, M.E.; CHÃ, A.M. Audiovisual e transformação social - a experiência da Brigada de Audiovisual da Via campesina. In: BASTOS, M.D.; GONÇALVES, F.C. **Comunicação e disputa pela hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico**. Residência Agrária da UnB, Caderno 3. São Paulo: Outras expressões, 2015. p. 181- 196.

Comissão Pastoral da Terra (CPT). **Conflitos no Campo Brasil 2022**. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Goiânia: CPT Nacional, 2023.

GOHUR, D. M. T., TONÁ, N. Agroecologia. In: CALDART, R. et al. **Dicionário de educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 59-67.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Dos cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimentos científicos**. Rio de Janeiro: FASE, 2019.

SILVA, V. R. **A complexidade da agroecologia no caminhar para agroecossistemas e sociedades sustentáveis: uma mirada desde o Semiárido de Pernambuco**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil.

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**. v. 29. n. 4. Germany: Springer Verlag, 2009.

